

Objetos vivos de uma coleção etnográfica: A Curadoria da Coleção Etnográfica Xikrin-Kayapó no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo¹

Fabiola Andréa Silva ²
Cesar Gordon³

Introdução:

Em uma carta direcionada ao Presidente do Museu Americano de História Natural e datada de 29 de abril de 1905, Franz Boas expõe seus pontos de vista sobre “as funções educativas dos museus antropológicos”:

“o objetivo de uma grande coleção antropológica é ilustrar todas as principais características da história da civilização humana, desde as formas mais antigas até as mais elevadas, na medida em que isso possa ser feito pela apresentação de objetos materiais pertencentes a diversas culturas. Assim, os principais pontos de vista que devem ser enfatizados são a relação do homem com a natureza, o desenvolvimento das técnicas de produção, as formas de costumes e crenças. Eles devem ser explicados levando em consideração as condições históricas de cada povo.” (Franz Boas in: Stocking, Jr., 2004:357)

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, preserva em seu acervo uma das maiores coleções antropológicas (etnologia e arqueologia) do país, mas em grande parte, ela ainda necessita ser estudada e dada a conhecer ao público em geral. Como pesquisadores, nosso esforço tem sido tentar decifrar os significados destes objetos, seguindo o princípio de Franz Boas de que os pontos de vista a partir dos quais as coleções devem ser vistas e estudadas variam caso a caso. A curadoria da coleção etnográfica Xikrin-Kayapó é um exemplo deste esforço e o seu objetivo não é apenas descrever e analisar os objetos produzidos por esta população indígena, mas ao mesmo tempo, incentivar o desenvolvimento deste campo investigativo e contribuir na reflexão sobre o papel dos Museus nos tempos contemporâneos.

A coleção etnográfica Xikrin-Kayapó foi doada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, em julho de 2001. Esta coleção foi formada pela Prof^a Dr^a Lux Boelitz Vidal, ao longo de trinta anos de pesquisa junto aos Xikrin. Ela iniciou seu trabalho com esta população indígena, no início dos anos sessenta, sendo que deste resultou sua tese de doutorado, intitulada *Morte e Vida de uma População Indígena* (Vidal, 1977) e uma série de outras publicações.

Trata-se de uma coleção de 393 peças, relativamente bem conservadas e com objetos muito diversificados. A mesma é constituída de: **adornos corporais** feitos de penas (braçadeiras, cocares, colares, peitorais, pingentes dorsais, bandoleiras), de fibras de algodão (braçadeiras, bandoleiras, cintos), de palha (braceletes, cintos, tiaras), de madeira (tembetás e dilatadores de orelha), de dentes e ossos de animais (colares), de miçangas (colares, cintos, bandoleiras, braçadeiras), de sementes (cintos, bandoleiras, braçadeiras e colares), de concha (brincos e colares); **instrumentos musicais** feitos de unhas de animais (chocalhos), de taquara (buzinas e

1 Trabalho apresentado na Mesa 2: Acervos etnológicos e curadoria científica.

2 Antropóloga. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.

3 Antropólogo. Instituto Multidisciplinar. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pesquisador do Núcleo Transformações Indígenas (NuTI) e do Núcleo Cultura e Economia (NuCEC) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

flautas), de cabaça (maracás), de palha (apito); **armas** feitas de madeira (bordunas), de estipe de palmeira (arcos e flechas), de bambu (flechas); **brinquedos** de palha, resina e envira (pequenos animais); **utensílios e ferramentas** em osso (agulhas e escarificadores), em cerâmica (fusos), em semente (fusos), em unhas de animais (escarificador), em madeira (pente riscador) e recipientes de cabaça; **trançados** (cestos-carqueiros, cestos bolsiformes, cestos estojiformes, cestinhas, tipóias, esteiras, espremedores de mandioca e máscara); **exemplares de matéria-prima** (penas, sementes, fibras vegetais).

Esta coleção foi formada de forma não intencional, sem um planejamento prévio e de forma, às vezes, bastante aleatória. Segundo Vidal, ela recolhia as peças sem a intenção de formar propriamente uma coleção, mas apesar disso, sempre teve a preocupação em documentar e conservar as mesmas para uma possível doação futura a um Museu. Cabe ressaltar que o MAE foi a Instituição escolhida para recebê-la porque se tratava de um lugar adequado, apresentando um corpo de profissionais qualificados e uma reserva técnica de toda a confiança.

É importante dizer ainda que esta coleção, sendo o resultado de um trabalho de vários anos, pode ser entendida como um testemunho de parte da história da disciplina antropológica em nosso país, pois representa e contextualiza uma parcela do trabalho de pesquisa da etnóloga Lux Vidal. Além disso, ela também reflete a trajetória desse povo Jê e preserva aspectos do seu modo de vida. Neste sentido, trata-se de um material de pesquisa extremamente relevante e cuja curadoria era fundamental.

O estudo de coleções etnográficas:

Conforme salientaram Ribeiro e van Velthem (1998:103), as coleções etnográficas devem ser entendidas como “documentos que se particularizam por serem materiais” Segundo as autoras, o trabalho de colecionar os artefatos das populações ameríndias iniciou desde o des-

cobrimento do Novo Mundo e foi levado a cabo por viajantes e naturalistas que também se interessavam pela fauna e pela flora do novo continente. A partir dessas coleções, foram criados os chamados “Gabinetes de Curiosidades” que atraíam o público pelo seu caráter exótico e pela peculiaridade dos materiais que apresentavam.

A Antropologia que se desenvolveu enquanto disciplina no final do século XIX, começou a se interessar pelas coleções etnográficas realizando um trabalho de classificação desses objetos em termos de aspectos como o meio ambiente, a técnica e a forma. Ou seja, tratava-se de um trabalho descritivo que procurava ordenar esses objetos seja em termos evolutivos, seja em termos de áreas geográficas e culturais. No entanto, “os aspectos sociais e simbólicos, referentes aos objetos, eram obscurecidos” (Ribeiro e van Velthem, 1998:104).

Com o tempo, essas coleções foram sendo negligenciadas enquanto objetos de estudo, do mesmo modo que a cultura material era desvalorizada nas pesquisas etnográficas (Cf. Ribeiro, 1990 e Ribeiro e van Velthem, 1998). Somente após a percepção de que esta trazia uma riqueza de informações sobre aspectos da vida social e sobre os simbolismos daqueles que a produziram é que essa temática readquire importância no interior da disciplina e, conseqüentemente, o estudo de coleções transforma-se em uma estratégia a mais para a compreensão do modo de vida das populações indígenas.

Atualmente, os estudos sobre coleções etnográficas ainda não são muito abundantes, inclusive porque as condições de muitos acervos não são muito animadoras. As mesmas podem estar armazenadas sob condições precárias, não ter boa documentação associada, estarem incompletas, etc. No entanto, tem havido um crescente reconhecimento da importância de se trabalhar com esses documentos, procurando contextualizá-los em termos do ambiente ecológico em que se inserem aqueles que os produziram, da sua organização social, do seu mundo simbólico e percepção estética, bem como, dos seus processos de interação com outras populações (vide Barcelos Neto, 2002).

Além dos aspectos colocados acima é interessante ressaltar que, nos últimos anos, os estudos de coleções também têm contemplado a

discussão sobre os coletores e as motivações que os levaram a formar um determinado conjunto de objetos, bem como sobre o papel dos curadores das coleções nos museus. Este aspecto tem se tornado relevante na medida em que se tem compreendido que uma coleção pode revelar aspectos da intencionalidade e da identidade de quem coletou, bem como do contexto histórico em que uma determinada coleção foi formada e, posteriormente conservada institucionalmente. Neste caso, os objetos são acrescidos de mais um significado, enriquecendo nossas possibilidades de leitura e pesquisa a respeito dos mesmos (vide p.ex. Grupioni, 1998; Nash e Feinman (Eds), 2003; Hallam, 2000 e Shelton, 2000).

As coleções podem ser o resultado de uma coleta intencional ou não intencional. No primeiro grupo estariam aquelas coleções que foram conscientemente formadas pelos coletores e que, por esta razão, são mais estruturadas e circunscritas a determinados temas, tipos de objetos e períodos cronológicos. As coleções não intencionais, por outro lado, são aquelas que foram formadas sem um planejamento prévio e de forma, às vezes, aleatória. Pode acontecer, inclusive, que algumas dessas coleções venham a ser percebidas como tais pelos seus coletores, somente com o decorrer do tempo – como foi o caso desta coleção Xikrin. A partir disso, o ato de colecionar pode vir a se tornar consciente e alguns objetos vão sendo acrescidos à mesma em função de sua contribuição na obtenção de um determinado objetivo. Outro aspecto importante que é revelado quando se analisam as motivações que levaram a formação de uma coleção é o de que as mesmas, muitas vezes, refletem a ocupação daquele que as produziu. Assim, os itens coletados são, também, veículos que expressam uma determinada experiência vivida (Cf. Belk, 1999).

Uma coleção também pode ser formada porque o colecionador procurou, através da mesma, testemunhar a sua relação com determinadas pessoas, ou ainda, para preservar determinados objetos como uma história, ou seja, num sentido de dar continuidade a uma determinada experiência ou realidade (Cf. Formanek, 1999).

O trabalho de curadoria que propomos neste projeto também visava trazer subsídios à discussão sobre as motivações e o contexto de

formação das coleções etnográficas. Conforme já foi salientado na introdução, esta coleção é um testemunho de uma parte da história da Antropologia brasileira, pois contextualiza o trabalho de uma importante etnóloga cuja contribuição acadêmica para a disciplina é de extrema relevância.

Acrescido a isso está o fato de que uma parte do trabalho de curadoria desta coleção, foi realizado com o auxílio de representantes Xikrin, cuja visãoêmica enriqueceu ainda mais o trabalho de documentação e análise dos objetos, bem como a sua contextualização. Este tipo de trabalho de curadoria ainda é pouco realizado em nosso país, embora se constitua em uma oportunidade de instaurar um novo tipo de olhar sobre as coleções etnográficas e sobre os trabalhos de curadoria relativos a esse tipo de objeto.

Cabe ressaltar, ainda, que iniciativas como esta se inserem naquilo que Regina Abreu (2005:111) chamou de “novas propostas nos museus etnográficos” ou seja, de transformar os museus em espaços de multivocalidade.

“Se até os anos 50 os museus praticavam o colecionamento construindo e, em alguns casos, cristalizando alteridades de povos que não se manifestavam ou não se conectavam com as propostas museológicas dos ocidentais, hoje, algumas experiências de práticas de colecionamento e de criação de museus tribais gestados pelos próprios índios vêm alterando esse quadro. De retratos de alteridades máximas, museus e coleções sinalizam um deslocamento do olhar: aqueles que antes eram olhados agora olham para si mesmos, tecendo seus auto-retratos” (Abreu, 2005:112).

Aspectos metodológicos do estudo da coleção Xikrin:

Segundo Prown (1999), a análise de um artefato pode ser dividida em três diferentes estágios: a descrição, a dedução e a especulação. Na etapa descritiva, a análise privilegia os as-

pectos mais genéricos e substanciais do objeto. Assim, são feitas as medidas, pesos, descrição dos materiais e a forma como eles estão articulados na fabricação do mesmo (p. ex. soldados, costurados, colados, etc). Além disso, avalia-se os aspectos decorativos e se faz a análise formal tridimensional do mesmo. Na etapa dedutiva, por sua vez, procura-se verificar a funcionalidade do objeto e como essa se adequa às características que o mesmo apresenta. E, finalmente, na etapa da especulação, o pesquisador interage ao máximo com o objeto, procurando entender os significados culturais subjacentes ao mesmo.

Para Pearce (1999b), por outro lado, ao analisar um artefato de uma coleção é preciso que o pesquisador tente responder as seguintes questões: O que? Como? Onde? Quando? Por quem? Por que? Assim, ele divide o estudo em 4 áreas distintas: material, ambiente, história e significância. É o entendimento articulado destas propriedades que possibilita a interpretação do mesmo.

Quando se contempla a área material, a análise procura considerar os aspectos construtivos do objeto, seu design e características em termos de procedência e técnica. Assim, elabora-se uma descrição do mesmo e uma primeira tipologia que permitirá que este seja comparado com outros exemplares. Em relação ao ambiente, procura-se entender a relação do objeto com a paisagem e os recursos disponíveis no seu local de produção e coleta. Para isso é necessário, inclusive, fazer estudos de paisagem e de localização de recursos. No que se refere à história, o pesquisador deve tentar resgatar as informações sobre o artesão que produziu a peça, o seu uso contextual e o seu histórico de coleta, publicação e exibição. E, finalmente, no que se refere ao significado, ele deve procurar entender o papel social e simbólico do objeto em seu contexto de produção e uso.

Obviamente, os primeiros níveis desse esquema de análise são mais facilmente realizados. Na medida em que se vai penetrando nos aspectos funcionais e simbólicos dos objetos, a análise torna-se mais árdua, pois nem sempre é possível alcançar todas essas informações.

No caso desta coleção, pudemos superar grande parte dessas dificuldades, tendo em vista que todo o trabalho de pesquisa e docu-

mentação da mesma foi realizado com o auxílio de Lux Vidal, através de uma série de entrevistas e manipulação das peças em laboratório. Além disso, a vinda dos Xikrin foi uma contribuição fundamental para a complementação dos dados de análise e documentação, bem como no que se refere às reflexões sobre o restauro e a conservação dos objetos etnográficos em museus. Acrescido a isso está o fato de que os demais pesquisadores que têm colaborado com esta pesquisa desenvolveram trabalhos de pesquisa sobre a cultura material desta população indígena, facilitando ainda mais a compreensão desse conjunto de artefatos (p.ex. Gianinni, 1991; Silva, 2000, Cohn, 2000; Gordon, 2003).

A primeira etapa de trabalho consistiu na produção de uma primeira documentação fotográfica, com o auxílio do fotógrafo do MAE, Wagner Souza e Silva. Ou seja, cada peça foi fotografada individualmente de modo a ressaltar suas principais características – foram fotografadas 393 peças. Posteriormente, – quando as peças já tiverem passado pelo processo definitivo de conservação e armazenamento – pretendemos refazer a documentação fotográfica a fim de formar um banco de dados e imagens definitivo que possa ser consultado por outros pesquisadores.

Além das imagens fizemos o registro dos objetos em uma ficha padronizada (vide Anexo 2) que foi elaborada pelo setor de curadoria do MAE, através do projeto financiado pela FAPESP, intitulado: Projeto de Infra-Estrutura de Pesquisa (Processo 96/10598-3). Trata-se de uma ficha bastante completa que permite o registro de diferentes aspectos do objeto. Além das informações referentes à sua localização no acervo, a ficha permite a realização da descrição da peça em termos das suas características morfológicas, funcionais e históricas. Além disso, pode-se descrever o seu estado de conservação, registrar o pesquisador que a estudou, bem como, a bibliografia disponível sobre a mesma e sobre o grupo que a produziu.

Todas as descrições das peças foram realizadas a partir da consulta do *Dicionário do Artesanato Indígena* de Berta Ribeiro (1988). Posteriormente, as descrições foram conferidas, corrigidas e concluídas a partir das informações fornecidas pelos Xikrin. Estes contribuíram, principalmente, na determinação da nomencla-

tura Xikrin para os objetos e na identificação da matéria-prima de produção e do modo de uso e significados culturais dos mesmos.

A metodologia proposta por Ribeiro (1988:14-16) em seu livro *Dicionário do Artesanato Indígena* consiste em dividir todos os objetos materiais em categorias, grupos e tipos. A definição das categorias leva em conta a matéria-prima empregada, a técnica de confecção que dela deriva, a morfologia e finalidade do artefato. Dentro desta classificação geral, os artefatos são organizados em grupos que dizem respeito às suas características gerais de uso e, ao mesmo tempo, em tipos e subtipos que informam sobre o modo de uso e as técnicas de produção e morfologia peculiares de cada artefato. No que se refere à categoria adornos plumários, por exemplo, os grupos são definidos em função da parte do corpo onde são usados (cabeça, tronco ou membros) e os tipos e subtipos correspondem à forma, posição de uso, material de suporte das penas, etc. Assim, um cocar é classificado primeiramente na categoria de adorno plumário devido à sua matéria-prima, técnica e morfologia; como adorno plumário da cabeça, em função da parte do corpo em que é usado e dividido em tipos e subtipos (diadema, toucado ou aro emplumado; vertical, horizontal, etc) em função das suas peculiaridades técnicas, morfológicas e modo de uso (Ribeiro, 1988: 113-127).

Cabe ressaltar que nos meses de vigência do Auxílio Pesquisa dois alunos receberam bolsas FAPESP para estudar conjuntos específicos de artefatos e utilizaram referenciais metodológicos específicos para os conjuntos que estavam estudando. O aluno Chen Chin Cheng recebeu uma Bolsa de Treinamento Técnico 3 (Processo nº 03/12316-0) para estudar os objetos trançados da coleção. Todos foram avaliados em termos de suas características gerais, sendo totalmente descritos (medidos e caracterizados em termos de matéria-prima, técnica de confecção, nomenclatura, uso e significado), desenhados e fotografados em detalhe. Para fazer a descrição foram consultados os trabalhos de Ribeiro (1985) e van Velthem (1998) e os desenhos das peças foram realizados a partir da técnica do desenho de observação (Cf. Castro, 1994). O aluno Daniel Tibério Luz recebeu uma Bolsa de Iniciação Científica (Processo nº 04/01244-1) para

estudar os adornos plumários da cabeça. Todos foram descritos (medidos e caracterizados em termos de matéria-prima, técnica de confecção, nomenclatura, uso e significado) a partir da consulta dos trabalhos de Ribeiro (1987 e 1988) (vide anexo 3: relatórios). Além disso, o aluno de Pós-Graduação Lucas de Melo Reis Bueno realizou um trabalho de pesquisa com o conjunto de flechas Xikrin da coleção, a partir de uma perspectiva etnoarqueológica. Para realizar a descrição e classificação das flechas foram consultados os trabalhos de Frickel (1968), Chiara (1986) e Chiara e Heath (1978) (vide anexo 3: texto publicado).

Portanto, nossa metodologia de pesquisa consistiu na descrição e análise das peças com base na bibliografia corrente sobre classificação de materiais etnográficos, bem como nas observações e entrevistas dos etnólogos que trabalharam com os Xikrin e dos próprios indígenas.

A musealização dos indígenas ou a indigenização dos museus? Uma experiência com conservação e restauro durante o processo de curadoria da coleção Xikrin

Sobre a questão da conservação e do restauro desta coleção torna-se importante salientar que este projeto de pesquisa pode ser visto como uma contribuição ao aprofundamento das discussões éticas sobre a conservação e restauro do material etnográfico em um âmbito mais amplo (vide p.ex. Froner, 1995; Froner, Braga & Aldrovandi, 1998; Braga e Froner, 1999). Intervenções inadequadas em objetos etnográficos podem trazer grandes prejuízos para as pesquisas futuras, bem como interpretações errôneas desse patrimônio material, além de danos irreversíveis para os objetos. No exterior, essas discussões vêm sendo travadas, há algum tempo, revelando exemplos que deverão ser trazidos, discutidos, aprofundados e testados em nossa realidade (Cf. Braga, 2002). Um dos aspectos dessas discussões é a tentativa de se

criar parâmetros para instaurar uma prática que coloque, lado a lado, os pontos de vista do conservador, do etnólogo e do criador dos objetos e, ao mesmo tempo, propor diretrizes interdisciplinares de atuação dos conservadores sobre estes tipos de objetos (Braga, 2005-2006).

Sabemos, pela experiência prática e contatos com outras instituições museológicas, que ora prevalece um ponto de vista, ora outro, no que se refere à conservação e restauração de objetos etnográficos. Esses pontos de vista variam de acordo com os interesses e formações intelectuais e culturais dos responsáveis pelas coleções e seus produtores.

Durante a curadoria da coleção Xikrin, vivenciamos momentos em que estas questões sobre ética, conservação e restauro dos objetos etnográficos e sobre a contraposição de pontos de vista, se apresentaram de forma “perturbadora” para todos que estavam envolvidos na pesquisa. Uma das atividades desenvolvidas durante a estada dos índios Xikrin em São Paulo, foi tentar verificar as suas noções sobre a questão da conservação e restauro das peças. Assim, foram mostradas a eles peças que estavam danificadas e a sua reação imediata foi reparar aquelas que eles consideraram passíveis de reparo e, por outro lado, desfazer-se daquelas que segundo eles estavam muito danificadas. Eles, inclusive, refizeram a amarração de um dos chocalhos que originalmente era de envira, substituindo este material por fios de algodão. Além desta peça, eles também refizeram a emplumação de um grande cocar pois, segundo eles, o restaurador anterior havia colocado a feira de penas de forma incorreta. Segundo o conservador, muitas vezes, a conservação e o restauro de peças etnográficas, especialmente da plumária se torna uma tarefa extremamente complexa e implica em muita reflexão sobre a legitimidade de se substituir as matérias-primas danificadas ou de preservar as mesmas a fim de manter a “integridade” da peça. Para o conservador, inclusive, as intervenções dos Xikrin nas peças deveriam ser entendidas como uma forma de elaboração de novas peças, ou seja, como se a intervenção deles nos objetos os tivessem recriado dando a eles uma nova identidade.

Estas duas experiências suscitaram reações diferenciadas entre os pesquisadores. Para alguns foi um tanto perturbador ver as peças

sendo refeitas, enquanto para outros, foi uma espécie de subversão à soberania dos museus em decidir sobre as intervenções que devem ou não ser feitas no patrimônio que eles guardam. Estes diferentes pontos de vista demonstram a riqueza e complexidade do debate que se instaura em torno da curadoria de peças etnográficas, bem como de sua conservação. O que se estabelece é uma oposição entre uma proposta de “musealização” dos povos indígenas e uma proposta de “indigenização” dos museus. Para a primeira, o objetivo seria o de transmitir a estes povos os “nossos” princípios de curadoria, conservação, restauro e exposição de seus objetos; para a segunda, seria o de permitir que os princípios “deles” definissem a maneira de fazer a curadoria, conservação, restauro e exposição dos seus objetos nos museus. Certamente, na medida em que as populações indígenas, conservadores e pesquisadores passarem a estabelecer um diálogo mais freqüente, o papel dos museus enquanto detentores de acervos etnográficos e a participação dos povos indígenas no gerenciamento destes acervos, deverá ser revisto e discutido da mesma forma como já vem acontecendo com os aspectos relativos aos direitos de imagem, divulgação de etnoconhecimentos, etc.

Conclusão:

Uma coleção etnográfica resulta da seleção e coleta de objetos que possuem, num determinado contexto, um significado e valor cultural. Quando estes objetos vão para um museu, os mesmos são acrescidos de um outro significado e valor. Ou seja, eles tornam-se bens que serão preservados e vistos e estudados por diferentes pessoas que, por sua vez, darão a eles significados distintos de acordo com os seus olhares e experiências vividas.

É por essa razão, que Pearce (1999a) afirma que os objetos de museu são polissemânticos e enquanto existirem como realidade material, seus significados poderão ser sempre reelaborados. Isso, ao mesmo tempo, faz com que

os mesmos sejam sempre objetos atuais. Além disso, esses objetos são signos que unem a mensagem (significado) à materialidade (significante) e operam sobre nós, em termos de relações metonímicas e metafóricas.

Assim, a coleção etnográfica Xikrin, ao mesmo tempo em que nos remete, através destes objetos, a esta população indígena, também nos revela aspectos do seu modo de vida. Apesar do arcabouço material dos brancos ter se tornado cada vez mais fundamental na vida dos Xikrin eles, apesar disso, não parecem dispostos a abandonar o seu modo de vida. Pensando nisso, pode-se apreender esta coleção Xikrin como um testemunho de um determinado tempo e das transformações que a cultura material deste povo vem sofrendo ao longo do seu processo histórico. É nisso que reside a importância de seu estudo, pois ao olharmos estes objetos nós veremos os Xikrin dos tempos passados e os de hoje, bem como todo o seu esforço em conviver conosco. E os Xikrin? Esperemos que olhem para estes objetos e vejam neles os Xikrin de sempre.

Bibliografia:

- ABREU, R. Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 31: 101-125. 2005
- BARCELOS NETO, A. *Com os Índios Wauja. Objectos e Personagens de Uma Coleção Amazônica*. Lisboa, Museu Nacional de Etnologia. 2002.
- BELK, R.W. Collectors and Collecting. In: S. Pearce (Ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London, Routledge. 1999. pp.317-326.
- BOAS, F. A Formação da Antropologia Americana, 1883-1911: Antologia/Franz Boas. Stocking Jr, G.W. (Org. e Introdução). 1999.
- BRAGA, G.B. A Conservação Preventiva nas Reservas Técnicas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Universidade de São Paulo, 8: 269-277. São Paulo. 1998.
- BRAGA, G.B. A Conservação das Coleções do MAE/USP. In: *Brasil 50 Mil Anos: Uma Viagem ao Passado Pré-Colonial*. São Paulo, EDUSP/Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. 2001. pp.59-64.
- BRAGA, G. B. *Conservação Preventiva: Acondicionamento e Armazenagem de Acervos Arqueológicos e Etnográficos em Áreas de Reserva Técnica*. Relatório de Qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2002.
- BRAGA, G. B. *Conservação Preventiva: Armazenamento e Acondicionamento de Acervos Complexos em Áreas de Reserva Técnica – o Caso do MAE/USP*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2003.
- BRAGA, G.B. “Teoria da Restauração de Brandi”: uma abordagem para objetos artísticos, arqueológicos e etnográficos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Universidade de São Paulo, 15/16:337-346. São Paulo. 2005-2006.
- BRAGA, G.B. & FRONER, Y.A. The Storage of Ethnographic and Archaeological Museum Collections of the University of São Paulo, Brazil. *ICOM Ethnographic Conservation Newsletter*. Washington D.C., ICOM/ Smithsonian Institution, 3-4. 1999.
- CASTRO, E. de. *O Cesto Kaipó dos Krahó: Uma Abordagem Visual*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. 1994.
- CHIARA, V. Armas: Bases Para Uma Classificação. In: Berta Ribeiro (Coord.). *Suma Etnológica Brasileira (Tecnologia Indígena)*. Petrópolis, Vozes/FINEP. 1986.
- CHIARA, V. & HEATH, P. *Brazilian Indian Archery: a Preliminary Ethno-Taxological Study of the Archery of the Brazilian Indians*. England, The Simon Archery Foundation. 1978.
- COHN, C. A. *Criança Indígena: A Conceção Xikrin de Infância e Aprendizado*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. 2000.
- FRICKEL, P. Os Xikrin (Equipamento e Técnicas de Subsistência). *Publicações Avulsas*, 7. Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi. 1968.
- FORMANEK, R. Why they Collect: Collectors Reveal their Motivations. In: S. Pearce (Ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London, Routledge. 1999. pp.327-335.
- FRONER, Y. A. *Conservação Preventiva e Patrimônio Arqueológico e Etnográfico: Ética, Conceitos e Crité-*

rios. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 5:291-301. São Paulo. 1995.

FRONER, Y. A.; BRAGA, G.B. & ALDROVANDI, C.E.V. Acondicionamento e Armazenamento das Coleções Etnográficas e Arqueológicas nas Áreas de Reserva Técnica. In: *Anais do IX Congresso da ABRACOR*. Rio de Janeiro, ABRACOR. Pp. 257-264. 1998.

GIANINNI, I.V. *A Ave Resgatada: "A Impossibilidade da Leveza do Ser"* Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. 1991.

GORDON, C. *Folhas Pálidas (A Incorporação Xikrin (Mebêngôkre) do Dinheiro e das Mercadorias*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2003. CD

GRUPIONI, L.D.B. *Coleções e Expedições Vigeadas. Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo, HUCITEC/ANPOCS. 1998.

HALLAM, E. Texts, Objects and "Otherness": Problems of Historical Process in Writing and Displaying Cultures. In: E. Hallam & B.V. Street (Eds.). *Cultural Encounters. Representing "Otherness"* London, Routledge. 2000.

NASH, S.E. & FEINMAN, G.M. Curators, Collections, and Contexts: Anthropology at the Field Museum, 1893-2002. *Fildiana. Anthropology*. N.S. n°36. 2003.

PEARCE, S. Museum Objects. In: S. Pearce (Ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London, Routledge. 1999a. pp.9-11.

PEARCE, S. Thinking about Things. S. Pearce (Ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London, Routledge. 1999b. pp.125- 132.

PROWN, J. Mind in Matter: an Introduction to Material Culture Theory and Method. S. Pearce (Ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London, Routledge. 1999. pp.133-138.

RIBEIRO, B.G. & van VELTHEM, L.H. Coleções Etnográficas: Documentos Materiais para a História e a Etnologia. In: M. Carneiro da Cunha (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras. 1998. pp.103-112.

RIBEIRO, B.G. *A Arte do Trançado dos Índios do Brasil. Um Estudo Taxonômico*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 1985.

RIBEIRO, B.G. Dicionário do Artesanato Indígena. São Paulo, Itatiaia. 1988.

RIBEIRO, B.G. Bases para uma Classificação dos Adornos Plumários dos Índios do Brasil. In: Berta Ribeiro (Coord.). *Suma Etnológica Brasileira (Arte Índia)*. Petrópolis, Vozes/FINEP. 1987.

RIBEIRO, B.G. Perspectivas Etnológicas para Arqueólogos: 1957-1988. *BIB*, 29:17-77. 1990.

SILVA, F. A. *As Tecnologias e Seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asurini do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo. 2000.

SHELTON, A.A. Museum Ethnography: an Imperial Science. In: E. Hallam & B.V. Street (Eds.). *Cultural Encounters. Representing "Otherness"* London, Routledge. 2000.

STOCKING JR. G.W. Franz Boas. *A formação da Antropologia Americana 1883-1911*. Rio de Janeiro, Contraponto/Editora UFRJ. 2004.

van VELTHEM, L. H. *A Pele do Tuluperê*. Coleção Eduardo Galvão, Museu Paraense Emílio Goeldi. Pará. 1998.

VIDAL, L. B. *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP. 1977.